

Memória e devires de Sabina Spielrein
Memory and becoming of Sabina Spielrein
Mémoire et devenir de Sabina Spielrein

Jô Gondar*

Resenha de *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise. Obras completas* (3 volumes). Organização, texto e notas de Renata Cromberg. Tradução: Renata Dias Mundt. São Paulo, Editora Blucher, 2021, 399 pgs.

Em tempos sombrios da nossa vida social e política, a psicanálise brasileira ganha um motivo de orgulho. Em três volumes, dois já lançados e o terceiro programado para 2023, Renata Cromberg apresenta, pela primeira vez em português, a obra completa de Sabina Spielrein, psicanalista russa que pensa e escreve com a ousadia, o frescor e a vivacidade dos desbravadores. E não apenas isso: os volumes publicados trazem também diversos artigos de Renata Cromberg com explicações, comentários e contextualizações sobre a vida (1885-1942) e a obra (1910-1931) de Sabina, frutos de uma investigação monumental acerca dos ambientes, das relações intelectuais, afetivas, clínicas e políticas que atravessaram essa produção pioneira. Renata realiza uma leitura autoral, combinando a precisão e erudição da pesquisa com o talento de uma psicanalista sensível, atenta aos detalhes e que é, ao mesmo tempo, uma boa contadora de histórias. O resultado são textos de leitura fluida, atraentes e incitadores, constituindo um trabalho genuíno de transmissão da psicanálise.

Até há poucos anos, só conhecíamos de Sabina Spielrein as alusões que lhe foram feitas por Freud e Ferenczi. Numa nota de pé de página em *Além do Princípio do Prazer*, de 1919, Freud afirma que ela teria antecipado a noção de pulsão de morte em seu texto *A destruição como origem do devir*, de 1912. Esse mesmo trabalho é citado no corpo de um artigo de Ferenczi, *O problema da afirmação do desprazer*, de 1926, quando procura pensar a positividade da autodestruição. Sabina chegou também a se tornar personagem cinematográfica em dois filmes (*Jornada da alma*, de Roberto Faenza, 2003; e *Um método perigoso*, de David Cronenberg, 2011), nos quais foi reduzida à condição de paciente psicótica, peça de um jogo entre dois homens, Freud e Jung.

A situação começa a mudar quando são descobertos, nos porões da antiga sede do Instituto de Psicologia de Genebra, em 1977, documentos relacionados a Jung, Freud e Sabina Spielrein. Esses documentos, que alguns (especialmente Jung) pretendiam que fossem secretos para sempre, não vão simplesmente preencher algumas lacunas da história da psicanálise. Dão a ela novos sentidos quando analisados de maneira competente, como fez Renata Cromberg, mostrando o quanto essa “louca” foi, de fato, uma pensadora brilhante, criadora de conceitos, de novas formas terapêuticas e modos originais de construção teórica. O pensamento teórico-clínico de Sabina Spielrein fundamentou e antecipou diversas noções, ideias e interações que, muitos anos mais tarde, viriam a fazer parte da psicanálise e de suas conexões com outros saberes. Ela não apenas prenunciou toda a trama da



* Psicanalista. Professora titular da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO),
E-mail: joogondar@gmail.com
ORCID ID: 0000-0002-4845-4939

destrutividade na teoria psicanalítica, mas também produziu formas de compreensão inéditas sobre a loucura, a origem e o desenvolvimento da linguagem, o psiquismo infantil, a simbolização, a relação somatopsíquica, a imagem inconsciente corporal, entre outros temas. Como se isso não bastasse, promoveu articulações da psicanálise com a linguística, com a educação, com as neurociências, realizando um trabalho transdisciplinar *avant la lettre*. Toda essa inventividade aparece nos textos de Sabina com a coragem e a vivacidade dos grandes criadores, daqueles que engendraram a psicanálise antes que ela se instituísse fortemente e se dividisse em escolas.

É a essa pensadora e psicanalista, cuja obra permaneceu esquecida durante 100 anos, que Renata nos apresenta. Analisa seus diversos artigos, bem como sua correspondência com Freud e Jung através de um método que ela denomina geoarqueológico, expondo as diferentes camadas que confluem para a produção de todo este material. Através deste método, cria um arco de ligação entre presente, passado e futuro, transformando os sentidos atuais da história da psicanálise a partir da escavação das camadas de épocas passadas, procedimento que também gera novos devires, isto é, outras possibilidades de futuro. A primeira camada, mais superficial, surge com a nota de rodapé num texto de Freud, uma das raras notícias que tínhamos a respeito de Sabina, até recentemente. Os documentos descobertos em 1977 permitem, porém, escavar uma segunda camada, pela qual se verifica que a separação entre Freud e Jung não aconteceu somente por divergências teóricas, tendo Sabina ocupado um lugar de pivô entre os dois. Vale notar que, nessa dissensão entre os dois homens, Sabina manteve uma independência, não se alinhando inteiramente nem a um nem a outro. Mais do que isso: sua produção influenciou a obra de ambos.

Uma terceira camada, bela e profundamente trabalhada por Renata Cromberg, diz respeito ao reconhecimento das contribuições teóricas e clínicas de Sabina. Agora começamos a nos dar conta do seu grau de pioneirismo. Ficamos sabendo que ela foi a segunda mulher a se tornar membro da Sociedade Psicanalítica de Viena, em 1911, a primeira a defender um doutorado em medicina com uma tese de cunho psicanalítico, a primeira a postular uma análise de crianças, bem antes de Anna Freud ou Melanie Klein. E tomamos contato com 34 artigos seus publicados em revistas de psicanálise e psicologia entre 1910 e 1931. São ensaios bastante originais que percorrem tanto a clínica quanto a metapsicologia, trazendo aportes inovadores sobre a psicose, o autismo, a formação do símbolo, o amor e a sexualidade, a constituição do pensamento, da linguagem, da temporalidade e, de modo mais abrangente, do psiquismo infantil. Alguns deles são estudos densos, outros são bastante curtos, trazendo a perspicácia de uma interrogação ou de uma ideia nova, como relâmpagos numa urna de cristal. A quarta camada apresenta as contribuições de Sabina para o esclarecimento dos mecanismos psicóticos, a começar por sua tese *Sobre o conteúdo de um caso de esquizofrenia*. Na quinta camada, aparece a discussão sobre seu diagnóstico. Foi encarada ora como esquizofrênica, ora como histérica, ora como psicótica histérica, oscilação que permite entrever a confusão dos olhares ao tentarem situar uma mulher inclassificável para os padrões sexistas da época. Apesar disso, e talvez por isso mesmo, Sabina foi a primeira pessoa a se tornar analista a partir de sua própria análise.

A sexta camada é, talvez, a que apresenta sua contribuição mais singular: a teoria sobre o surgimento da linguagem e a transformação do ser humano em falante. Em 1919, bem antes de Jacques Lacan, ela já teria se dedicado ao estudo da linguagem e construído uma tese original sobre o surgimento das palavras para a criança. O texto principal a esse respeito é *A origem das palavras infantis “papai” e “mamãe”: algumas observações sobre diversos estágios no desenvolvimento da linguagem*. Sabina era musicista, daí sua consideração pelo ritmo, pela melodia, pelos gestos, pela mímica. Escreve (p. 268): “Em primeiro lugar, a linguagem da melodia, a música em sua forma de ritmo e inclinação tonal, surge muito antes da linguagem verbal”. Curiosamente, ela ressoa aqui Jean-Jacques Rousseau, que deu nome ao instituto ao qual ela se filiaria em Genebra, pouco depois da escrita este ensaio. Para Rousseau, a música vem antes da palavra, é a expressão primeira dos homens, e a imitação é o paradigma de uma concepção de linguagem baseada na semelhança sonora e gestual. Sabina também postula a origem da linguagem a partir de uma doutrina das semelhanças. Defende a

ideia de que o ato de mamar prepara as primeiras palavras costumeiras – Mama, Papa – que são semelhantes em todas os idiomas. Não restringe sua abordagem, no entanto, à dimensão da mimesis. Valoriza a intenção psíquica, o apelo feito ao outro, situando o surgimento da palavra não apenas na imitação ou na expressão mas, sobretudo, na interrelação entre a criança e a mãe. Mesmo considerando sua dimensão social, Sabina não defende a ideia de que as palavras são fruto de uma convenção - hipótese baseada na arbitrariedade do signo, como pretendem Saussure e Lacan –, estando, sob este aspecto, mais próxima dos pensadores de uma linguagem sensível, como Rousseau, Walter Benjamin e Sándor Ferenczi. Em resumo: nem convenção, nem apenas imitação, mas, sobretudo, relação. Também na teoria da linguagem, temos uma pensadora com voz e voo próprios.

Finalmente, uma última camada investiga as razões do apagamento de Sabina Spielrein na história do movimento psicanalítico. Por que motivos foi esquecida uma pensadora tão original, que publicou seus escritos nas principais revistas de psicanálise da época, que exerceu seu ofício com brilho por tantas cidades europeias – Zurique, Viena, Berlim, Genebra, Moscou -, que influenciou o trabalho de Freud, Jung, Luria, Vygotsky e Piaget, que foi professora na Universidade de Moscou e considerada a maior psicanalista russa de seu tempo? Escavando essa camada, Renata Cromberg realiza um importante trabalho de memória. Trabalho que não consiste simplesmente em analisar o documentado, pois a memória é constituída tanto por lembranças quanto por esquecimentos. Assim, Renata se dispõe a analisar essas duas vertentes, num trabalho brilhante de contextualização da obra de Sabina e de seu desaparecimento na história. Ela não nos apresenta somente aos escritos dessa psicanalista russa e judia, mas também aos diversos ambientes em que sua vida e obra se gestaram, com suas linhas de força teóricas, relacionais e políticas. “Ambiente Berlim”, “Ambiente Genebra”, “Ambiente Moscou” são capítulos que fazem parte do segundo volume. Conhecemos assim os interlocutores de Sabina e o modo como suas ideias foram sendo construídas, com quem ela se colocava em diálogo, de quem divergia, como se relacionava em seu meio, que situações políticas contribuíram para suas invenções ou participaram de seu fuzilamento na Rússia stalinista, juntamente com as duas filhas, pelo exército alemão.

A obra de Renata Cromberg resgata não apenas o devir interrompido de Sabina Spielrein, mas, principalmente, sua força instituinte, sua inventividade, sua capacidade de resistir ao aniquilamento. Ambos os trabalhos - o de Sabina e o de Renata sobre ela – são sementes que não nos deixam esquecer, em momentos tão soturnos, a ética que nos move. A literatura psicanalítica brasileira agradece.

Citação/Citation: Gondar, J. (2023) Memória e devires de Sabina Spielrein. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XV, no. 1.), pp. 123-135.

Recebido em: julho de 2022.
Aprovado em: dezembro de 2022.